

Citibank lidera nova baixa da "prime" para 11,5%

Nova Iorque — Pela quinta vez desde setembro, vários bancos norte-americanos, liderados pelo Citibank, o maior credor do Brasil, baixaram ontem sua **prime rate**, taxa preferencial de juros, de 11,75% para 11,5%. A queda já era esperada depois que o Federal Reserve (o banco central americano) baixou na semana passada a sua taxa de redesconto de 9% para 8,5%.

O Citibank baixou a **prime** pela manhã, seguido depois pelo First Chicago, Chase e vários outros bancos menores. Segundo o analista de mercado William Sullivan Jr, vice-presidente da Dean Witter Sullivan novas quedas da **prime** deverão ocorrer até o final do ano, mesmo se o FED não tomar novas medidas visando a baixa das taxas de juros. Para ele, em 1985 a **prime** poderá se situar em 11%. Cada quarto percentual de queda na **prime** representa para o Brasil uma economia de cerca de 125 milhões de dólares no serviço da dívida.

Menos negócios

A queda de ontem não foi tão grande quanto os investimentos de Wall Street esperavam (o índice Dow Jones da Bolsa de Nova Iorque caiu mais de sete pontos ontem), mas já era prevista por analistas como Henry Kaufman, economista chefe da Salomon Brothers, e um dos mais respeitados dos EUA. Segundo ele, a taxa de redesconto dos **federal funds**, usada pelos bancos para empréstimos **overnight** deverá tornar a cair em janeiro se o suprimento de dinheiro não começar a se expandir logo.

Atualmente, todos os economistas concordam que déficit da balança comercial americana, a redução no crescimento e o aumento do desemprego mostram que a expansão dos negócios tende a cair ainda mais.

Isso estaria levando o FED a baixar o preço do dinheiro, numa tentativa de aquecer a economia. Mas Antony Salomon, presidente do Federal Reserve de Nova Iorque, citado pelo *The New York Times*, disse numa conferência, semana passada, que a imprecisão das atuais estatísticas econômicas levou o Banco Central americano a adotar uma linha de ação tripartite, onde os responsáveis pelo FED tomam conta do crescimento da emissão monetária, do Estado na economia e do comportamento das taxas de juros a curto prazo.

Segundo ele, embora o Federal Reserve ainda tenha poder para influir no movimento das taxas de juros, há muito espaço para as forças de mercado e muitas quedas têm sido interpretadas — erroneamente a seu ver — como inspiradas pelo FED.

Outros, como Albert Sommers, não tem dúvida em atribuir a baixa da **prime** à ação do FED. O que preocupa esses economistas é que taxas menores nos EUA possam acabar desestimulando investidores estrangeiros a aplicar em dólar, o que poderia resultar num dólar mais fraco. Mas nisso nem todos estão de acordo. A queda de juros nos EUA geralmente arrasta consigo os juros na Europa e mantém inalterado o poder de atração do mercado americano.

FRITZ UTZERI
Correspondente

A "prime rate" volta a cair

